



FACULDADE MAUÁ DE GOIÁS

Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central LTDA

Bacharel em Psicologia

BEATRIZ PEREIRA DE QUEROZ

**O Amor Materno Na Constituição Psíquica Infantil: Uma Perspectiva
Psicanalítica Sobre O Desenvolvimento de Aspectos Psicológicos**

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

2025.2



FACULDADE MAUÁ DE GOIÁS

Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central LTDA

Bacharel em Psicologia

BEATRIZ PEREIRA DE QUEROZ

**O Amor Materno Na Constituição Psíquica Infantil: Uma Perspectiva
Psicanalítica Sobre O Desenvolvimento de Aspectos Psicológicos**

Artigo científico entregue à Faculdade Mauá de
Goiás, como requisito parcial obrigatório para
obtenção do certificado de conclusão de graduação
em Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Quemili de Cássia Dias de Sousa

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

2025.2

O Amor Materno Na Constituição Psíquica Infantil: Uma Perspectiva Psicanalítica Sobre O Desenvolvimento de Aspectos Psicológicos

Beatriz Pereira de Queros ¹
Quemili de Cássia Dias de Sousa²

RESUMO

Este estudo, de natureza bibliográfica, investiga a relevância do amor materno na formação da estrutura psíquica infantil, a partir dos pressupostos da psicanálise. O objetivo central é analisar como a ausência de afeto materno pode comprometer o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, influenciando diretamente sua constituição subjetiva e a capacidade de estabelecer vínculos interpessoais saudáveis. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamenta-se nas contribuições de autores clássicos do campo da psicanálise e do desenvolvimento humano, como Donald Winnicott, Melanie Klein, John Bowlby, Sigmund Freud, Jean Piaget e Erik Erikson, além de recorrer a literatura científica contemporânea que aborda o impacto do vínculo afetivo na infância. Observa-se que, a carência de um vínculo afetivo seguro nos primeiros anos de vida pode afetar negativamente a autoestima, gerar inseguranças emocionais e prejudicar o desenvolvimento social e cognitivo da criança. Observa-se que crianças que vivenciam privação afetiva ou negligência materna tendem a apresentar dificuldades em regular emoções, estabelecer relações de confiança e lidar com frustrações, com repercussões que frequentemente se estendem até a vida adulta. Ademais, a literatura sugere que tais experiências podem estar associadas a maior vulnerabilidade a transtornos emocionais, comportamentais e psicológicos, reforçando a importância de intervenções precoces e de estratégias de apoio familiar. Conclui-se que o afeto materno desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral da criança, sendo determinante para a formação de uma identidade emocional saudável e para a construção de relações interpessoais consistentes. A ausência desse vínculo configura um fator de risco significativo para a saúde mental e o bem-estar, destacando a necessidade de atenção clínica, social e educativa à temática. Políticas públicas, programas de acompanhamento familiar e práticas de cuidado que promovam a presença afetiva e o suporte materno podem contribuir significativamente para a mitigação de impactos negativos decorrentes da privação afetiva, fortalecendo o desenvolvimento infantil pleno.

Palavras-chave: Maternidade. Desenvolvimento infantil. Vínculo afetivo.

¹ Acadêmico(a) do curso de Psicologia da Faculdade Mauá.

² Orientador(a). do curso de Psicologia da Faculdade Mauá.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é um tema amplamente abordado por teóricos, pesquisadores e profissionais da Psicologia, sobretudo pela sua relevância no desenvolvimento psíquico infantil. Ser mãe vai além do ato biológico de gerar uma criança: envolve oferecer cuidado, carinho, proteção, afeto e educação, elementos fundamentais para a constituição da subjetividade e para a formação de um adulto saudável e funcional. Nesse contexto, o amor materno apresenta-se como um dos pilares mais importantes do desenvolvimento emocional, favorecendo a criação de vínculos seguros e uma base sólida para a saúde mental (Damaceno; Marciano; Menezes, 2021).

No entanto, quando esse afeto está ausente ou apresenta-se de forma insuficiente, podem surgir implicações significativas para a constituição psíquica da criança, comprometendo aspectos emocionais, cognitivos e relacionais. Essa problemática, sob a ótica da Psicanálise, levanta reflexões sobre como a qualidade do vínculo materno pode influenciar diretamente o desenvolvimento psicológico e o modo como o indivíduo irá se relacionar consigo mesmo e com o mundo (De Souza; Calzavara, 2023).

Segundo Winnicott (1983), o cuidado materno adequado é essencial para que o bebê desenvolva um sentimento autêntico de identidade e alcance segurança emocional. A presença sensível da mãe possibilita à criança vivenciar experiências de acolhimento, continuidade e estabilidade, elementos indispensáveis para a construção de uma base psíquica saudável. A função materna, portanto, ultrapassa o atendimento das necessidades físicas imediatas, pois envolve também a oferta de suporte emocional e de reconhecimento afetivo e quando essa sustentação é insuficiente ou está ausente, podem surgir dificuldades no processo de amadurecimento, que se manifestam em inseguranças, ansiedades e fragilidade na constituição do self.

Estudos que abordam a ausência desse vínculo revelam impactos significativos no desenvolvimento emocional e social da criança. Freud, Solnit e Goldstein (1987) identificaram que crianças submetidas a descontinuidades nos vínculos afetivos como mudanças de cuidadores antes dos 18 meses podem sofrer perturbações emocionais, dificuldades de adaptação e desenvolver relacionamentos superficiais e indiscriminados ao longo da vida. Essa quebra precoce na

continuidade do afeto materno afeta diretamente o modo como o indivíduo estabelece conexões emocionais no futuro.

Este trabalho é relevante por contribuir para a prática clínica e para o avanço do conhecimento científico sobre os efeitos da falta de vínculo materno. A fragilidade ou ausência desse vínculo explica aproximadamente 7 a 22% da variabilidade em sintomas de depressão e ansiedade materna e cerca de 21% da variação de estresse materno. Ademais, trajetórias depressivas maternas até os cinco anos estão associadas a problemas de saúde mental infantil, considerando que a prevalência de transtornos mentais atinge 10–20% da população infantojuvenil, sendo 3–4% em condição grave. Dessa forma, investigar a função do amor materno na constituição psíquica infantil é fundamental para subsidiar políticas públicas e práticas clínicas capazes de promover o desenvolvimento emocional e psicológico saudável desde os primeiros anos de vida (O'DEA et al., 2023).

O objetivo desta pesquisa é investigar de que maneira a ausência do amor materno influencia o desenvolvimento da criança em suas dimensões psicológicas. Como objetivos específicos, propõe-se: a) Estudar se a ausência de afeto materno pode influenciar a visão que a criança desenvolve em relação à mãe em relacionamentos interpessoais a essa relação. b) Buscar as consequências da ausência materna em crianças no desenvolvimento psicológico.

A presente pesquisa é de natureza básica, abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada no método de revisão bibliográfica. Foram analisados livros, publicações acadêmicas, artigos científicos e documentos oficiais que discutem os impactos da ausência do amor materno no desenvolvimento infantil, considerando aspectos psicológicos, emocionais e sociais. As bases de dados consultadas foram SciELO, Google Acadêmico, PePSIC e CAPES, além de obras de autores clássicos da psicanálise. O período de seleção abrangeu trabalhos publicados nos últimos dez anos, assegurando a atualidade das informações. Os descritores utilizados nas buscas foram: “Maternidade”; “desenvolvimento infantil” e “vínculo afetivo”.

Foram incluídos estudos que envolvessem crianças com impactos no desenvolvimento decorrentes da ausência de afeto materno, pesquisas que abordassem a psicanálise como possibilidade de análise ou intervenção e trabalhos que investigassem consequências cognitivas, sociais e emocionais da carência materna. Foram excluídos estudos voltados a outras faixas etárias, pesquisas que

utilizassem métodos diferentes da psicanálise, trabalhos focados em transtornos sem relação direta com a ausência de afeto materno, bem como publicações antigas que não refletissem práticas e conhecimentos atuais

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação teórica

2.1.1 A importância da maternidade no desenvolvimento infantil

Compreender o papel da maternidade no desenvolvimento humano é essencial para a Psicologia, sobretudo quando se trata dos impactos que a ausência de afeto materno pode provocar ao longo da vida. A infância é um período especialmente sensível, marcado por intensos processos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, formação de vínculos afetivos e construção da subjetividade. Dessa forma, a falta de um cuidado afetivo consistente durante essa fase pode gerar consequências significativas no modo como a criança se percebe, se relaciona e se desenvolve.

A maternidade, sob a perspectiva da Psicanálise, é mais do que um vínculo biológico: trata-se de um lugar simbólico de acolhimento, cuidado e construção emocional. Donald Winnicott, ao conceituar a figura da “mãe suficientemente boa”, destaca a importância de uma presença materna que, sem ser perfeita, é capaz de atender às necessidades emocionais do bebê nos primeiros momentos de vida. Para ele, essa mãe proporciona um ambiente facilitador que oferece segurança e estabilidade emocional para o desenvolvimento do ego da criança (Winnicott, 2007).

Além de Winnicott, John Bowlby também contribui para essa compreensão ao desenvolver a Teoria do Apego. Segundo o autor, a qualidade da relação entre a mãe e o bebê interfere diretamente na forma como a criança vai se relacionar com outras pessoas ao longo da vida. Um apego seguro, criado através de uma presença materna constante e afetuosa, permite à criança desenvolver autoconfiança e habilidades sociais mais saudáveis (Bowlby, 1984).

2.1.2 O papel da infância na psicanálise

A infância, por sua vez, é vista pela Psicanálise como um período estruturante da psique. Desde os primeiros textos de Freud, já se observava que as experiências infantis, mesmo aquelas esquecidas, influenciam diretamente a constituição subjetiva da criança ou seja a formação do seu eu pensante e individual. Zavaroni (2015) indaga que, na primeira infância tempo por excelência da constituição psíquica, tais situações teriam maiores chances de se tornarem traumáticas, considerando que as defesas psíquicas para seu enfrentamento ainda não se encontram plenamente constituídas deixando o sujeito a mercê das demandas pulsionais e das circunstâncias ambientais, ou seja, as vivências de uma criança na primeira infância tem a maior chance de se tornarem um trauma do que na vida adulta, pois as suas defesas psíquicas não estão totalmente formadas..

Além disso, autores como Melanie Klein destacam que, desde muito cedo, o bebê já é capaz de experimentar sentimentos de amor e ódio em relação à figura materna. Esses sentimentos, quando não bem acolhidos e compreendidos pela mãe, podem gerar angústias e defesas psíquicas como a clivagem e a projeção. Isso mostra que o papel da mãe vai além do cuidado físico, sendo também necessário um cuidado emocional que favoreça a integração das experiências vividas pela criança (Klein, 1991).

Dessa forma, entende-se que a infância é um período onde cada experiência deixa marcas profundas na formação da personalidade. A ausência de afeto materno nesse momento pode comprometer o desenvolvimento saudável da criança, influenciando suas emoções, comportamentos e até mesmo a forma como ela se relacionará futuramente.

2.1.3 Desenvolvimento cognitivo visando aspectos sociais, emocionais e psicológicos na primeira infância

Do ponto de vista psicológico e social, o ambiente em que a criança está inserida exerce papel fundamental em seu desenvolvimento. A combinação entre fatores emocionais, relações interpessoais e contexto social molda comportamentos e influência na forma como a criança aprende a lidar com situações desafiadoras. A ausência do amor materno, portanto, pode comprometer a construção da

autoestima, dificultar o estabelecimento de vínculos afetivos seguros e afetar a capacidade da criança de confiar no outro. Klein (1991) destaca que “os primeiros vínculos da criança, especialmente com a mãe, são determinantes para a formação de sua capacidade de confiar no outro. A ausência ou falha nesse acolhimento emocional pode resultar em defesas psíquicas, prejudicando a construção da autoestima e dificultando o estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis”.

Jean Piaget, ao estudar o desenvolvimento cognitivo, afirmou que a criança constrói seu conhecimento a partir da interação com o meio. Para ele, o processo de aprendizagem se dá por meio da assimilação e acomodação, sendo influenciado pelas experiências vividas nos primeiros anos de vida (Piaget, 1975). Assim, quando a criança não recebe atenção, afeto e estímulo adequado, seu desenvolvimento cognitivo pode ser prejudicado.

Do ponto de vista emocional, Erik Erikson propõe estágios do desenvolvimento psicossocial, sendo o primeiro deles o conflito entre confiança versus desconfiança, que ocorre justamente na primeira infância. Se a criança sente-se segura, cuidada e amada, ela desenvolve confiança em si mesma e no mundo ao redor. Em caso contrário, podem surgir sentimentos de medo, insegurança e dificuldade de se vincular a outras pessoas no futuro (Erikson, 1998).

De acordo com o exposto entende-se que a falta de amor materno no desenvolvimento da criança não afeta somente o cognitivo mas sim a vida social e emocional da criança. Crianças que não são acolhidas nas suas fragilidades emocionais podem apresentar baixa autoestima, e suas relações interpessoais poderão se desenvolver fragilizadas.

2.1.4 Estudos vigentes sobre a ausência do amor materno

Estudos contemporâneos ajudam a aprofundar essa compreensão. Laura Gutman (2016), por exemplo, ao refletir sobre a maternidade e o autoconhecimento feminino, propõe que o cuidado materno também está relacionado às experiências emocionais inconscientes da mulher. Para ela, a relação entre mãe e filho é uma via de mão dupla: enquanto a mãe cuida do filho, também se confronta com suas próprias sombras emocionais. Esse processo, quando vivido de forma consciente e acolhedora, pode favorecer um ambiente emocional mais saudável para ambos.

A pesquisa de Golin E Benetti (2013) destaca que o vínculo afetivo entre a criança e seu cuidador é essencial para o desenvolvimento emocional saudável. Os autores evidenciam que, em contextos de acolhimento institucional, a ausência ou fragilidade desse laço pode comprometer a capacidade da criança de estabelecer relações futuras baseadas na confiança e segurança emocional. Eles enfatizam a necessidade de interações sensíveis e contínuas para promover um apego seguro, fundamental para o bem-estar psicológico da criança.

Diante dessas contribuições, compreende-se que o afeto materno exerce papel central na constituição emocional, social e cognitiva da criança. A ausência dessa presença afetiva nos primeiros anos de vida pode gerar impactos significativos e duradouros, que exigem atenção tanto da ciência quanto da prática clínica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender o papel da maternidade no desenvolvimento humano é essencial para a Psicologia, sobretudo quando se trata dos impactos que a ausência de afeto materno pode provocar ao longo da vida. A infância é um período especialmente sensível, marcado por intensos processos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, formação de vínculos afetivos e construção da subjetividade. Dessa forma, a falta de um cuidado afetivo consistente durante essa fase pode gerar consequências significativas no modo como a criança se percebe, se relaciona e se desenvolve (Fiuza; Belin; Lustoza, 2022).

Winnicott (2007) afirma que “não existe bebê sem um ambiente que o sustente; o bebê não existe como unidade isolada, mas, fundamentalmente, como parte de uma relação”. A presença afetiva da mãe também tem papel essencial na construção da identidade da criança. É nesse primeiro vínculo que ela começa a se perceber como alguém importante e digno de afeto. Por isso, quando há ausência ou negligência materna, a criança pode desenvolver sentimentos de rejeição, insegurança e baixa autoestima, que muitas vezes se prolongam até a vida adulta.

A infância, por sua vez, é vista pela Psicanálise como um período estruturante da psique. Desde os primeiros textos de Freud, já se observava que as experiências

infantis, mesmo aquelas esquecidas, influenciam diretamente a constituição subjetiva da criança, ou seja, a formação do seu eu pensante e individual. Zavaroni (2015) indaga que, na primeira infância, tempo por excelência da constituição psíquica, tais situações teriam maiores chances de se tornarem traumáticas, considerando que as defesas psíquicas para seu enfrentamento ainda não se encontram plenamente constituídas, deixando o sujeito à mercê das demandas pulsionais e das circunstâncias ambientais. Isso significa que as vivências de uma criança na primeira infância têm maior chance de se tornarem um trauma do que na vida adulta, pois suas defesas psíquicas não estão totalmente formadas.

Complementando essa visão, Freud (1996) apontava que os primeiros anos de vida são marcados pelas fases do desenvolvimento psicosssexual, nas quais os conflitos não resolvidos podem se transformar em neuroses futuras. O modo como a criança lida com essas fases – oral, anal, fálica – depende muito do ambiente emocional em que ela está inserida. Por isso, a presença ou ausência de afeto, principalmente o materno, influencia diretamente na forma como esses conflitos serão vivenciados e elaborados.

Segundo Silva e Pereira (2019), as emoções e ações da mãe em relação a seu filho são fortemente afetadas por suas vivências anteriores, principalmente aquelas envolvendo seus próprios pais, que podem continuar a influenciá-la. Esse modelo de interação parental será a base para a maneira como cada um dos pais se conectará com a criança, atendendo ou não a suas demandas físicas e emocionais. Adultos que não receberam o acolhimento e afeto necessário quando criança acaba projetando as suas frustrações, inseguranças e medos em suas próximas gerações, finalizando em um ciclo de adultos disfuncionais.

Visto isso Kupfer (2000, apud Calzavara; Ferreira, 2019), fala sobre como a posição da mãe, é relevante e valiosa para a psicanálise, diz respeito à função que ela desempenha, a qual é motivada por um desejo que busca oferecer ao seu filho uma subjetividade que ainda não existe, mas é presumida. Através da comunicação verbal e de sua forma de ver, ela direciona sua energia libidinal para o corpo da criança, que deixará de ser apenas um organismo para se transformar em um corpo erógeno, um corpo que é caracterizado pela presença do significante.

Atualmente, nota-se que várias pessoas exibem comportamentos e questões emocionais que podem estar ligadas à falta de laços afetivos firmes durante a infância, especialmente no que diz respeito ao amor da mãe. A ausência de afeto,

cuidado e proteção nos primeiros anos pode influenciar diretamente a maneira como a pessoa se relaciona consigo e com as demais. Frequentemente, essas pessoas apresentam dificuldades em formar relações saudáveis, em lidar com frustrações e em expressar suas emoções, o que pode levar à insegurança, à baixa autoestima e à instabilidade emocional (Cordovil; De Castro; Da Rocha, 2023).

Além disso, Damaceno, Marciano e Menezes (2021) ressaltam que a falta de uma base emocional sólida pode afetar a maneira como a pessoa enfrenta os obstáculos da vida adulta. Indivíduos que não tiveram afeto materno adequado costumam, de maneira inconsciente, buscar a validação e os cuidados que lhe faltaram durante a infância, o que pode resultar na formação de relações dependentes, conflitos interpessoais e até comportamentos autossabotadores. Essas dificuldades, cada vez mais comuns na vida moderna, ressaltam a relevância do amor materno como um fundamento essencial para a formação da subjetividade e para o aprimoramento de habilidades emocionais e sociais.

Compreender que cada pessoa, em algum momento, é filho ou filha de alguém, torna mais fácil perceber como comportamentos são passados adiante. Os sonhos são moldados, e geralmente o ser humano imita o que observa e ouve, além do que lhe ensinaram que é correto. Assim, o papel da maternidade é fundamental para que a criança desenvolva valores e uma psique equilibrada (Paula; Kummer; Andrade, 2023).

A forma como a criança percebe a mãe exerce impacto profundo em seu desenvolvimento emocional e social. Quando a figura materna é vista como distante, ausente ou rígida, pode-se instaurar na criança sentimentos de rejeição e fragilidade afetiva, comprometendo sua segurança interna. Por outro lado, mesmo diante da ausência de afeto, algumas crianças mantêm uma visão idealizada da mãe, o que pode gerar conflitos internos entre a realidade e a expectativa de cuidado. Essa experiência influencia diretamente a construção de relacionamentos interpessoais, pois a criança pode apresentar dificuldade em confiar, medo de abandono ou tendência à dependência emocional. Assim, a percepção da figura materna torna-se um eixo fundamental na formação da capacidade de estabelecer vínculos saudáveis ao longo da vida (Rickli Fiuza; Bini Belin; Lustoza, 2022).

A percepção que a criança constrói sobre a mãe influencia profundamente seu desenvolvimento socioemocional. Quando a figura materna é interpretada como distante, ausente ou rígida, instala-se uma insegurança que pode comprometer a

formação do apego, conforme defendido por Bowlby (1989), para quem o vínculo inicial é determinante na maneira como a criança aprenderá a confiar nos outros. Em alguns casos, mesmo diante da falta de afeto, a criança pode manter uma visão idealizada da mãe, gerando conflitos internos entre a necessidade de proteção e a experiência real de rejeição. Essa dinâmica repercute na construção de relacionamentos futuros, favorecendo insegurança, medo de abandono ou, ao contrário, comportamentos de dependência afetiva, que dificultam a construção de vínculos saudáveis ao longo da vida.

Diante dessas contribuições, compreende-se que o afeto materno exerce papel central na constituição psicológica da criança. A ausência dessa presença afetiva nos primeiros anos de vida pode gerar impactos significativos e duradouros, que exigem atenção tanto da ciência quanto da prática clínica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de amor materno exerce influência significativa sobre o desenvolvimento psicológico da criança, repercutindo diretamente em sua constituição psíquica. Constatou-se que a falta de afeto nos primeiros anos de vida compromete a formação do apego, fragiliza o processo de construção da subjetividade e pode ocasionar dificuldades emocionais e relacionais que se prolongam até a vida adulta.

Os achados indicam que a percepção da criança em relação à figura materna, quando marcada por distanciamento ou negligência, tende a gerar sentimentos de rejeição, insegurança e baixa autoestima, elementos que afetam a capacidade de estabelecer vínculos saudáveis. Tais resultados corroboram as contribuições da Psicanálise, especialmente de Freud, Winnicott e Bowlby, ao demonstrarem que a infância é um período estruturante da psique, no qual a presença afetiva materna assume papel fundamental.

Dessa forma, o estudo alcançou seus objetivos ao evidenciar que a ausência de afeto materno interfere não apenas na visão que a criança desenvolve em relação à mãe e em suas interações interpessoais, mas também no fortalecimento ou fragilização de aspectos emocionais essenciais para a saúde mental. Além disso, identificou-se que essas experiências podem perpetuar ciclos de relações

disfuncionais ao longo de gerações, ressaltando a importância de intervenções clínicas e sociais voltadas à promoção do cuidado afetivo.

Conclui-se, portanto, que o amor materno constitui elemento indispensável para o desenvolvimento psicológico saudável da criança, sendo a sua ausência um fator de risco para a constituição da subjetividade e para o estabelecimento de relações interpessoais equilibradas.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, J. **Apego**: a natureza do vínculo. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CALZAVARA, M. G. P.; FERREIRA, M. A. V. A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 432-444, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p432-444>

CORDOVIL, J. G. L.; DE CASTRO, E. V.; DA ROCHA, W. S. Importância do afeto materno de mães que têm filhas abusadas sexualmente no contexto familiar para elaboração de estratégias de enfrentamento. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 11, p. 14359-14378, 2023.

DAMACENO, N. S.; MARCIANO, R. P.; MENEZES, N. R. C. D. As representações sociais da maternidade e o mito do amor materno. **Perspectivas em Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 199-224, 2021.

DE SOUZA, L. F. M.; CALZAVARA, M. G. P. Mães contemporâneas e o declínio do mito do amor materno. **As Várias Faces de Eva: o feminino na contemporaneidade** - ISBN 978-65-5360-279-3 - Vol. 2 - Ano 2023 DOI 10.37885/230212154

DE SOUZA PAULA, F.; KUMMER, L.M. M.; DE ANDRADE, C. I.P. O abandono afetivo materno na primeira infância sob a luz dos estudos de John Bowlby.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FIUZA, D. R.; BELIN, F. B.; LUSTOZA, L. O papel do afeto parental no desenvolvimento psíquico infantil. **Emancipação**, v. 22, p. 1-15, 2022.

FREUD, S.; SOLNIT, A. E.; GOLDSTEIN, M. **O desenvolvimento emocional da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOLIN, G.; BENETTI, S. P. C. Acolhimento precoce e o vínculo na institucionalização. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 241–248, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tFKMj5QhDtLdtnQyG5zcggr/>. Acesso em: 26 maio 2024.

GUTMAN, L. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

O'DEA, G. A. et al. Associations between maternal psychological distress and mother-infant bonding: a systematic review and meta-analysis. **Archives of Women's Mental Health**, v. 26, n. 4, p. 441-452, 2023.

PAULA, F. S.; KUMMER, L. M. M.; ANDRADE, C. I. P. O abandono afetivo materno na primeira infância sob a luz dos estudos de John Bowlby. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2023.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RICKLI FIUZA, D.; BINI BELIN, F.; LUSTOZA, L. O papel do afeto parental no desenvolvimento psíquico infantil. **Emancipação**, v. 22, 2022.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZAVARONI, L. Primeira infância e constituição psíquica. **Psicologia e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 1–11, 2015.